

Governo incentiva garimpo ilegal, diz cardeal brasileiro

# Governo incentiva garimpo ilegal, afirma novo cardeal

Para dom Leonardo Steiner, gestão federal colabora com a destruição ambiental

**ENTREVISTA**  
**DOM LEONARDO STEINER**

Anna Virginia Balloussier

SÃO PAULO O governo Jair Bolsonaro perde "o horizonte da ética nas relações" quando se alia ao garimpo ilegal e comete uma agressão "ao desacreditar a Justiça Eleitoral", diz à Folha dom Leonardo Steiner, novo cardeal brasileiro. E a nada disso é boa notícia para a democracia.

Dom Leonardo, 71, é cauteloso com as palavras, mas suas críticas ao presidente não passam batidas.

No fim de maio, o papa Francisco anunciou a entrada no Colégio dos Cardeais do catarinense de Forquilha, onde também nasceram os irmãos Zilda Arns (fundadora da Pastoral da Criança) e dom Paulo Evaristo Arns. Dom Paulo Cezar Costa, arcebispo de Brasília, também está na lista. Os dois devem participar do conclave que escolherá o sucessor do pontífice.

Em entrevista por escrito, dom Leonardo, desde 2020 à frente da Arquidiocese de Manaus, defende povos indígenas, meio ambiente e a maior participação de católicos na vida partidária. "A política deve voltar a ser assunto nos bares, nas escolas, na universidade, na pastoral", afirma.

**O que significa a nova leva de cardeais indicados pelo papa, com muitos nomes fora do eixo europeu? Vai revelar o rosto católico da Igreja. Uma universalidade que deverá estar sempre mais presente. Demonstra o desejo de uma Igreja sempre mais inserida, mais colorida, assumindo as sementes da presença do Deus em encarnado nas diversas culturas.**

**Como a Igreja pode ser uma bússola em tempos tão polarizados? A bússola é o Evangelho que ela busca anunciar e viver. A polarização em si não é o problema. O problema está nas ideologias fechadas, combativas, não dialogantes. Uma ideologia que aparentemente defende uma posição, mas está defendendo interesses financeiros, dominadores, mercantilistas. Camufla no dizer o que está buscando como poder. Aparece como polarização, mas esconde os interesses de fundo, de dominação.**



Dom Leonardo Steiner, 71, novo cardeal brasileiro Alan Marques - 18.fev.2015/Folhapress

**O sr. é uma voz da Igreja para questões amazônicas. Como vê a visão do governo Bolsonaro sobre garimpo ilegal? Deveria ser uma voz! Estou há pouco na Amazônia e devo inserir na realidade para ser uma voz. Bispos, presbíteros, religiosos/as, os leigos e leigas têm ajudado a fazer ver questões gritantes como garimpo, violência, saúde, poluição.**

O garimpo é a agressão do meio ambiente e, por isso, da casa dos povos indígenas, da nossa casa comum. O garimpo está destruindo as águas. O mercúrio é uma maldição! Para os donos do garimpo, não importa a vida dos outros, as pessoas, os povos. O que importa é o ouro, o dinheiro. Nada mais interessa.

O governo tem colaborado nessa destruição, pois poderia proteger, mas não fiscaliza, não protege, ataca as instituições. As atitudes e falas têm incentivado o garimpo e deixado comunidades indígenas desprotegidas. Perdeu-se o horizonte da ética nas relações e, por isso, a justiça.

**A Igreja Católica vem perdendo fiéis e vive uma crise após tantas acusações de abuso sexual envolvendo seu clero. Como contornar esse qua-**

**dro? É sempre melhor não contornar. Sábio é o que se senta, reflete, questiona, reza, pede ajuda à ciência e busca as causas, sem medo de ver a verdade. Diz São Paulo, mais ou menos assim: quando sou fraco, sou forte. Encontrar nas fragilidades as forças para caminhar. Isso vale para a evangelização, para a pertença à Igreja, também para o abuso contra menores.**

Na evangelização, provavelmente faltou profundidade na catequese, na iniciação à vida cristã. Faltou a Palavra de Deus como itinerário da fé. A Igreja tem buscado caminhos, não para aumentar o número de fiéis, mas para demonstrar a beleza, a grandeza de ser cristão.

**Por que o avanço evangélico no Brasil é tão forte, a ponto de ameaçar a maioria católica? Isso é uma questão para a Igreja? É uma questão na medida em que nos perguntamos o que estamos oferecendo aos fiéis. O que não se noticia é o número crescente no Brasil e no mundo dos que afirmam não ter religião. E o fenômeno tem um caminho: pessoas que vão para uma igreja, depois para outra e depois para outra, e acaba descredenciando na força do**



**Se o Congresso deixa de ser a Casa do Povo para ser casa de interesses de bancadas [...], onde os pobres encontram guarida, são participantes da ação política?**

dom Leonardo Steiner  
novo cardeal brasileiro

Evangelho deixando de participar em uma igreja.

Mais preocupante é que perdem a dimensão da verdade da religião. Entra numa espécie de indiferença religiosa. É que a fé é anterior à religião com seus ritos, dogmas, moral. Até que ponto estamos tentando despertar para a fé, e não para a religião? Há uma exigência de reflexão e diálogo, não de condenação e desprezo.

**Evangélicos têm uma das frentes mais fortes do Congresso. Há uma bancada católica, mas pouco se fala dela. O sr. já defendeu a presença dos católicos na política. Como fazer isso acontecer? E continuo a incentivar. O cristão deve participar da política e da política partidária. Todos nós participamos da política, mas na Igreja Católica os ministros ordenados não se filiam a partidos nem defendem uma ideologia de partido. Estamos numa situação difícil, pois se atacou a política de tal forma que virou sinônimo de corrupção, de conchavo.**

Tenho a impressão de que, se a democracia funcionar mal, os lucros podem ser maiores. Depois de alcançar a democracia, tendo passado pela ditadura, a sociedade deixou de discutir e educar para a política. A política deve voltar a ser assunto nos bares, nas escolas, na universidade, na pastoral.

**A Igreja foi muito presente na política brasileira até os anos 1980. Por que o espaço encolheu? Com a República, veio a realidade do Estado leigo. Mas isso não significou o silêncio da Igreja. Mesmo porque deputados, presidentes, senadores, governadores, prefeitos, vereadores na sua maioria eram ligados à Igreja Católica ou a [outras] igrejas.**

Nesse sentido, continua presente. No tempo da ditadura, a Igreja era o espaço onde havia liberdade de discutir política, apesar de várias pessoas da Igreja terem sofrido perseguição. A Igreja foi acusada de se imiscuir na política. Teve o cuidado, pelo menos as históricas, de não usar a religião para eleger os seus membros e depois criar bancada.

**O sr. já fez críticas públicas a Bolsonaro. Como avalia o governo dele até aqui? As observações — se desejar, as críticas, no sentido etimológico da palavra — se referem às ações de governo. Participei de uma sessão no Supremo Tribunal Federal em que se reafirmava a importância do Judiciário. Na ocasião foi-me oferecida a oportunidade de externar, em nome da presidência da CNBB, a importância do STF. O mais grave é destituir as instituições de seu valor.**

O mesmo poderíamos dizer se o Congresso deixa de ser a Casa do Povo para ser casa de interesses de bancadas. Poderíamos até perguntar onde os pobres encontram guarida, são participantes da ação política?

**A Igreja teve papel essencial no combate à ditadura militar. Hoje, Bolsonaro insiste num discurso de desmoralização das urnas eletrônicas. A Igreja e a CNBB vão se posicionar? O Tribunal Superior Eleitoral mostra com frequência a garantia das urnas eletrônicas. Se não houvesse essa manifestação, a CNBB já teria se manifestado. A maior agressão, no meu modo de ver, é desacreditar a Justiça Eleitoral.**

Agridir a instituição responsável pela lisura da eleição. Os ministros demonstram equilíbrio, não se deixando levar pelos ataques. Permanecem na tranquilidade de quem sabe o que está fazendo pelo Brasil: garantir eleições limpas, preservar a democracia.

**É importante que a Igreja marque posição contra algum candidato que considere nocivo ao país? As observações e críticas são manifestas antes das eleições. Ela não tem indicado candidatos e candidatas. Ela manifesta uma posição quando oferece orientações para votar bem, ser eticamente coerente.**

**Temas da ordem moral, como aborto e causas LGBTQIA+, têm polarizado a sociedade. O fundamento da moral é o amor deixado por Cristo: eu vos dou um novo mandamento. Mas amor que ultrapassa a simpatia, as relações conflituosas. Um amor que não tem inimigos.**

Todos somos filhos e filhas de Deus, independentemente de ações, contradições, expressões sexuais, belezas, deficiências físicas e de espírito. A vida humana deve ser cuidada desde o seu início. O início de uma vida significa um vir a ser filho ou filha de Deus. Talvez o tema de ordem moral hoje deveria ser a questão da guerra e dos pobres. Há quase desprezo pela vida humana.

**No Sínodo da Amazônia, em 2019, ventilou-se a possibilidade da ordenação de mulheres no diaconato. Por que ela não foi para frente? As mulheres coordenam grande número de comunidades, e a elas foram confiados ministérios não ordenados. Em determinadas regiões, elas celebram o batismo.**

A questão que se coloca, e que está sendo pesquisada e refletida, é se o diaconato para mulheres existiu na Igreja e se havia ordenação. Para encaminhar essa questão, o papa constituiu uma Comissão que deverá apresentar as suas conclusões.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Cotidiano Caderno: B Pagina: 3